

EDITORIAL

Os Cadernos de subjetividade são plurais, como o nome indica, pois também são coletivos, compostos por editoras/es, escritoras/es, pesquisadoras/es, professoras/es, poetas, psicanalistas, esquizoanalistas, sonhadoras/es, que estão nas universidades, nas clínicas, nas praças, nas ruas, nas periferias, nos territórios ancestrais, ocupando e atravessando diferentes espaços políticos. Assim como as subjetividades são multiplicidades atravessadas por campos de forças heterogêneas, os Cadernos são formados por múltiplas vozes, compondo um coro dissonante, (im)propriamente, um “agenciamento coletivo de enunciação”. E enquanto “caderno” – espécie de hypomnemata, caderno de notas de uma escrita de si que é um “nós” – reúne anotações, rascunhos, divagações, pensamentos, relatos, poesias, ensaios, sonhos, experimentos clínicos, seminários, traduções, etc.

Neste sentido, não chega a ser um “periódico” regular, antes vai adentrando o “tempo do sonho”, um tempo não cronológico, mas dos acontecimentos, das experiências e das confluências de desejos que moveram, inclusive, este corpo editorial a transformações e reconfigurações do que seria esta proposta. Inicialmente, desejávamos organizar uma edição temática sulamericana, que trouxesse os movimentos de povos originários e afrodiáspóricos. De lá pra cá, quando lançamos o chamado, chegaram textos que nos levaram a novos encontros, que ao seu modo conversam com a proposta e arrastam para outras abordagens possíveis. E o que de algum modo entrelaça a tessitura dessa trama têxtil-textual pode ser esta linha: clínica-corpo-território.

Este volume, em especial, é um encontro de diferentes coletivos: são vozes indígenas, negras, mestiças, grupos de psicanálise em espaços públicos, sonhos transpessoais. Cada texto possui um corpo próprio, que atravessa e é atravessado por outros corpos: um corpo-clínico-territorial. Pois quem fala e quem escuta o faz desde um “lugar de fala” e um “lugar de escuta”. E aqui confluem essas vozes e escutas coletivas.

Abrimos esta edição com um poema – ou um (en)canto – de Graça Graúna, em espanhol e em português, cruzando as fronteiras das línguas: “Canção peregrina/Canción peregrina”, cantada desde o exílio – um exílio em sua própria terra, de onde os povos originários são constantemente expulsos, lançados a peregrinar e a retornar para lutar pelo direito à demarcação de seus territórios ancestrais, à existência, à vida.

Na sequência, lemos-escutamos um relato-relatório de Fabio Arevalo desde a retomada de território do povo Guarani Kayowá, cujo conflito nos conclama à luta. “E agora?”, pergunta uma criança guarani. E agora, leitor(a)? Somos convocadas a fazer coro nesse grito, a nos implicar no cuidado com a Terra e com o bem-viver coletivo.

Depois encontramos dois artigos sobre grupos de psicanálise em espaços públicos, que propõem uma escuta aberta da cidade e seus fluxos, suas relações raciais e de poder, sem perder o horizonte analítico: a cidade como território clínico a ser escutado. Assim, Anderson Santos, Ana Carolina Perrella e Adriana Simões Marino nos convidam a uma prática clínica pública, conforme mesmo Freud reivindicava, a extrapolar as quatro paredes do consultório e seu setting tradicional burguês.

A questão do corpo-território-clínico é elaborada por Haroldo Saboia a partir da pergunta: “o que pode um corpo mestiço?”, dentro do atual debate no Brasil sobre racismo e mestiçagem, seus traumas, recalques e saídas políticas, subjetivas e estéticas.

Adiante, Sabrina Batista Andrade nos leva a algumas reflexões em torno da clínica psicanalítica, seus impasses e capturas neoliberais, apontando o corpo-território-clínico da/o analista e seu lugar de escuta. Como contraponto, Paula Cobo–Guevara nos apresenta algumas notas abertas em torno do conceito de Sonhar, tomado de Barbara Glowczewski, e que conversam a modo de ressonância com alguns sonhos feministas e ideias expostas no Anti-Édipo.

Por fim, Larissa Drigo nos apresenta uma tradução inédita de um dos seminários que Félix Guattari conduziu entre 1980 e 1988. Ao invés de uma fala solitária, contínua e monótona ao modo de um “discurso do mestre”, os seminários são coletivos, diálogos de múltiplas vozes, atravessados constantemente pela participação de interlocutoras/es, que também organizaram e apresentaram temas ao longo dos encontros. Dentre as interlocutoras, podemos destacar a pesquisa de Barbara Glowczewski em relação aos Sonhados indígenas Walrapi na Austrália.

Com este volume agora em mãos, perguntamos com a criança guarani: “e agora”? Se “a luta pela terra é a mãe de todas as lutas”, como poderíamos nos calar frente ao genocídio dos povos originários e afrodiaspóricos? Com que corpo-território-clínico formamos coletivos? Continuaremos a sonhar apenas conosco, como denuncia Davi Kopenawa, ou alçaremos a sonhados coletivos? Com os Cadernos de subjetividade lançamos este convite para sonharmos juntos outros mundos possíveis.